

Confiança na palavra

Cristina Franch,¹ São Paulo

Lula Abrahão,² São Paulo

Monica Sá,³ São Paulo

Silvia Bracco,⁴ São Paulo

Sonia Terepins,⁵ São Paulo

Resumo: Este artigo reflete sobre como a escuta psicanalítica, para além dos consultórios, nos desafia a questionar e a reconsiderar os percursos conhecidos de nossa prática clínica. Recuperamos a importância que essas práticas ocuparam no pensamento freudiano inicial, que considerava crucial para a sobrevivência da psicanálise sua inserção orgânica no campo social. Isso se perdeu com o advento do nazifascismo e, desde então, ocupou lugar periférico em nossas clínicas. Apresentamos também como o trabalho desenvolvido pelo Setor de Parcerias e Convênios da Diretoria de Atendimento à Comunidade (SBPSP/DAC) tem levado a psicanálise a novos territórios e a experiências diversas, consolidando práticas e construindo conhecimento sobre a extensão da clínica. Através de uma intervenção no campo institucional, observamos o método psicanalítico em operação, o que nos faz refletir sobre o processo do trabalho como um todo, com suas diversas possibilidades de ação e interpretação. O referencial teórico centrou-se nas ideias de Freud, Danto, Kaës e Herrmann.

Palavras-chave: história da psicanálise, extensão da clínica, desamparo social, instituições, grupos, setor de parcerias e convênios

- 1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e atual coordenadora do Setor de Parcerias e Convênios da Diretoria de Atendimento à Comunidade (DAC).
- 2 Membro filiado do Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Integra a comissão do Setor de Parcerias e Convênios desde 2016.
- 3 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e coordenadora do Setor de Parcerias e Convênios (2020-2022). Integra a comissão do Setor de Parcerias e Convênios desde 2016.
- 4 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), diretora adjunta de Comunidade e Cultura Fepal (2020-2022) e coordenadora do Setor de Parcerias e Convênios (2016-2020). Integra a comissão do Setor de Parcerias e Convênios desde 2016.
- 5 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e diretora de Comunidade e Cultura Fepal (2020-2022). Integra a comissão do Setor de Parcerias e Convênios desde 2016.

O que nos torna humanos? Essa pergunta pode ser respondida de diversas formas, e uma delas foi dada por Octavio Paz: ele diz que “a linguagem é o que nos faz humanos”. Pertencer a um lugar, a uma cultura, inscrever-se em uma história singular e coletiva, colocar-se no lugar do outro como alguém que testemunha um sinal de reconhecimento e semelhança – isso também nos faz humanos. É o nosso entorno humano que nos funda e nos sustenta.

Nesse sentido, os laços sociais podem ou não favorecer processos de transformação, e o que hoje testemunhamos aponta em direção contrária. Vemos o crescimento dos discursos de ódio, dirigidos aos portadores de uma certa alteridade que gera estranhamento e, para alguns, justifica ações bárbaras, esgarçando cada vez mais os laços entre o pulsional e a cultura.

O entendimento de que a miséria social produz um impacto direto na vida psíquica exige um posicionamento ético-político de nós, psicanalistas. É crucial propormos outras formas de compreensão dos fenômenos que nos cercam, ampliando a relação da psicanálise com as questões do mundo, e principalmente atendendo ao sofrimento e ao mal-estar provocados por essas condições.

Estamos num campo que envolve experiências com um objeto traumático: seja pelo excesso ou pela falta. Estabelecer formas de comunicação com esses elementos e permitir que algo dessa ordem encontre alguma representação é talvez o maior desafio da clínica na atualidade.

Por vezes a psicanálise manteve-se apartada e temerosa de mostrar sua potência. A extensão da clínica foi alvo de fortes questionamentos dentro das instituições psicanalíticas e levou muito tempo para voltar a ser escutada e ganhar espaço novamente, como veremos mais adiante. Ainda hoje precisamos reafirmar esse lugar, o que não deixa de ser um elemento sintomático.

Recuperando a história

No livro *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*, Elizabeth Ann Danto (2005/2019) recupera através da história o compromisso da psicanálise com as classes trabalhadoras. No congresso de Budapeste (1918), Freud diz abertamente que considerava crucial para a sobrevivência da psicanálise sua inserção orgânica no campo social. Vale destacar que ele nunca se referiu a essa modalidade clínica como um trabalho filantrópico, e sim como um trabalho psicanalítico no mais alto nível. Os analistas daquele

tempo, por sua vez, não tiveram medo de desenvolver os dispositivos necessários para que isso acontecesse.

Danto nos mostra como esse discurso impactou as primeiras gerações de psicanalistas que se dedicaram fortemente ao social, e com isso uma rede europeia de clínicas psicanalíticas gratuitas surgiram entre 1920 e 1938. Diz ela:

Sigmund Freud e a primeira e segunda gerações de psicanalistas apreciaram o desafio de criar uma prática que servisse como um equalizador social. Por entenderem que o inconsciente não tem classe social, eles não viam a psicanálise como um suposto luxo, nem suas clínicas gratuitas originais eram um aceno à filantropia. (Danto, 2005/2019, p. xxviii)

E afirma que:

Em sua prática terapêutica, os psicanalistas de Weimar debatiam abordagens não tradicionais de tratamento e, no plano social, defendiam a reforma penal, a liberação sexual, a igualdade de gêneros e a descriminalização da homossexualidade. (Danto, 2005/2019, p. xxxvii)

Foi uma época marcada por intensas discussões sobre como lidar com as diferentes situações, mas a famosa expressão “Isso não é psicanálise” não ocupava o centro dos debates.

Esses movimentos, tão pungentes na esteira da Primeira Guerra e antes da ascensão do nazifascismo na Europa, foram paulatinamente desativados/apagados, mas, como nos processos inconscientes recalcados, deixaram seus rastros. Encontramos suas marcas no surgimento de um pensamento profícuo, na América do Sul, sobre a formação de grupos e o trabalho em instituições.

Muitas experiências, mesmo sendo diluídas no tempo, podem ter como efeito produzir uma espécie de contaminação silenciosa e dar origem a culturas periféricas. Surgem, então, centros de irradiação e transformação, que se destacam principalmente por incorporar aspectos que foram desprezados pela narrativa dominante.

No Brasil, Fabio Herrmann foi uma voz importante ao conceitualizar a Clínica Extensa. Ele fala de um movimento em que o método psicanalítico

se estende ao mundo, a qualquer produção humana, a situações que vão muito além dos domínios do consultório.

Talvez a psicanálise sofra por ser demasiado forte e não demasiado fraca, tão forte, que nós, analistas, não a conseguimos manejar adequadamente e ficamos a repetir modelos já assegurados, só de raro ensaiando uma psicanálise original em área nova. (Herrmann, 2001, p. 23)

Parcerias e convênios

Fazendo um giro para o momento atual, a escuta psicanalítica, para além dos consultórios, nos desafia a questionar e a reconsiderar os percursos conhecidos de nossa prática clínica. Nessa direção, o trabalho realizado pelo Setor de Parcerias e Convênios⁶ da Diretoria de Atendimento à Comunidade⁷ (SBPSP/DAC) tem levado a psicanálise a novos territórios e a experiências diversas, consolidando práticas e construindo conhecimento sobre a extensão da clínica.

Faremos um breve histórico do que o Setor vem realizando há aproximadamente oito anos. Inicialmente integrou o projeto “Psicanálise e suas Clínicas”, durante a presidência de Bernardo Tanis (2016-2020) na SBPSP, estando Magda Khouri no comando da DAC,⁸ e hoje é uma importante frente de trabalho da SBPSP.

O Setor tem como proposta firmar parcerias com organizações sociais e instituições públicas que se dedicam ao cuidado de populações em situação de alta vulnerabilidade social. A intensa sobrecarga emocional e o grande sofrimento psíquico dos trabalhadores que estão em contato direto com situações de vida muito precárias têm sido a principal demanda das instituições. Por meio de grupos de reflexão, coordenados por psicanalistas, a equipe tem condições de fazer circular a palavra e ser acolhida em suas angústias.

Problemas como depressão, abuso de álcool e drogas, suicídio, violência, abuso sexual e fome são temas frequentes que surgem no trabalho com as equipes. Nesse processo, podemos identificar pontos de impasse

6 Setor criado na gestão de Elizabeth Coimbra à frente da DAC (2012-2016) e inicialmente coordenado por Tania Zalberg.

7 Atualmente dirigida por Darcy Portolese.

8 Oswaldo Ferreira Leite e vários colegas de diretorias anteriores também abriram espaço e desenvolveram projetos importantes para pensar a psicanálise em outros contextos.

ou dificuldades tanto no trabalho quanto nas relações interpessoais/institucionais. Os efeitos produzidos por essa escuta acabam por se propagar, também, na população assistida por tais profissionais.

O trabalho acontece em diversas frentes nas instituições envolvidas, tanto no âmbito das coordenações da SBPSP com as instituições, quanto na atuação direta dos psicanalistas com as equipes. Ao término de cada etapa, são realizadas reuniões com os gestores das instituições parceiras em que fazemos uma devolutiva/avaliação do trabalho. São momentos cruciais para abrir novas possibilidades de abordagem e para a elaboração conjunta dos desafios enfrentados pelas instituições, seja para dar continuidade, alterar a demanda, ou encerrar o processo. O recontrato é sempre rico na abertura de novas possibilidades de enquadres, mas também como uma outra camada de elaboração dos impasses institucionais.

Entre as muitas experiências que já tivemos com instituições parceiras, elegemos uma situação que ilustra e nos faz refletir sobre o processo do trabalho como um todo, com suas várias possibilidades de intervenção.

O recorte clínico⁹ a seguir, relata uma reunião de final de etapa de trabalho, que aconteceu junto a uma instituição pública de ensino, parceira da SBPSP/DAC há aproximadamente 7 anos.

Trata-se de um centro de educação que administra escolas de Ensino Médio e universitário, e que atende aproximadamente 250 mil alunos no estado de São Paulo.

Estavam presentes na reunião, duas de nós, que ali falávamos em nome da SBPSP (comissão do Setor de Parcerias e Convênios), três colegas psicanalistas (SBPSP) que coordenam os grupos de reflexão com as escolas, duas colegas psicanalistas (SBPSP) que coordenam os grupos de reflexão com as faculdades, a presidente e a diretora geral da instituição, e algumas educadoras que apoiam o trabalho das psicanalistas.

O clima é afetivo pelo reencontro de todos, e a presidente da instituição tece muitos elogios ao nosso trabalho, comentando que os grupos de reflexão estavam se multiplicando em diversas unidades de ensino. A fala é de agradecimento e reconhecimento, mas um tom monocórdico denunciava um desânimo coletivo e cansaço. A conversa migra para uma longa fala sobre a

9 Gostaríamos de fazer um agradecimento especial às colegas da SBPSP que coordenam os grupos de reflexão nesse trabalho: Any Waisbich, Rosana Zakabi, Heloisa Ditolvo, Maria Tereza Mantovannini, Silvia Deroualle, Suzana Kruchin.

desvalorização da educação, o esvaziamento das salas de aula, o desinteresse dos estudantes, a violência, os abusos e questões de saúde mental.

No início escutamos, validando e acolhendo a angústia, contudo, a conversa foi tomada por uma espécie de paralisia. O tempo passa sem que possamos abordar os temas que havíamos planejado para o encontro. Após uma hora e meia de desabafos, e com a premência de voltar aos consultórios, as três colegas psicanalistas¹⁰ (SBPSP) que coordenam os grupos de reflexão com as equipes das escolas de Ensino Médio retomam o objetivo inicial da reunião, discutindo sobre a renovação do contrato para o próximo semestre, e se despedem.

Esse movimento na dinâmica da reunião, como uma espécie de ruptura, parece nos trazer de volta ao que era vital. Convidamos, então, as duas colegas psicanalistas¹¹ (SBPSP) que coordenam os grupos de reflexão com as equipes do ensino superior para falarem sobre as suas experiências.

A dupla de psicanalistas conta sobre o processo cheio de movimentos que atravessaram naquele ano.

No início do primeiro semestre, receberam a triste notícia do falecimento de uma gestora que era especialmente importante para essa dupla e para a instituição.

Esse evento desencadeou mudanças significativas no funcionamento dos grupos. Acontece uma diminuição na frequência dos participantes, e as psicanalistas começam a sentir-se pressionadas, diante de uma demanda das novas responsáveis pelas funções da gestora falecida, a fazerem relatórios ao final de cada grupo.

Na tentativa de entender o que implicava esse pedido e incomodadas com a intervenção direta da instituição no trabalho, a dupla de psicanalistas procura a comissão do Setor de Parcerias e Convênios (SBPSP) para discutir a questão.

Nessa conversa, percebem como o luto pela gestora poderia estar impregnando o campo institucional e as relações, e como isso era projetado no funcionamento grupal. Identificamos ali uma cisão inerente ao impacto da perda que parecia entrar em funcionamento como proteção ao desamparo, às incertezas e à impotência. A elaboração do luto seria necessária para saírem do estado de desligamento e desinvestimento.

10 Heloisa Ditolvo, Maria Tereza Mantovannini e Silvia Deroualle.

11 Any Waisbich e Rosana Zakabi.

Essa nova compreensão abre espaço para pensarem em uma transformação no dispositivo grupal. Aquilo que estava sendo vivido de forma persecutória é transformado em uma ferramenta de trabalho. Decidiram que, ao final de cada grupo, a escrita passaria a servir não como um relatório, mas como um relato dos participantes. Um relato de conteúdos que acreditavam ser importantes que a administração geral recebesse e acompanhasse. E um outro, sobre suas experiências durante o encontro, que poderia ser uma palavra ou uma frase, capturando os momentos que mais os impactaram. Relatos estes registrados pelas analistas e guardados em sigilo. No início do próximo grupo esses registros seriam retomados, funcionando como um fio condutor, um diário de bordo. O fundamental nesse processo foi a forma que o grupo encontrou para garantir a privacidade dos encontros e separar o institucional e o pessoal.

A partir dessa mudança no dispositivo, a equipe do ensino superior não apenas conseguiu acolher o luto pela gestora, mas também enfrentar as dificuldades cotidianas que antes evitavam. A presença da equipe nos encontros foi recuperada, e a coesão do grupo permitiu um maior aprofundamento das questões, enriquecendo as discussões.

Ao relatar esses acontecimentos para este artigo, tivemos maior clareza dos movimentos ocorridos, desde o impacto inicial com a notícia da perda, com os reflexos no grupo e a busca por um espaço de elaboração pela dupla de psicanalistas.

Voltando à reunião com a gestão da instituição parceira, observamos o impacto significativo que essa fala da dupla de analistas produziu naquele encontro. Trouxe outra temperatura e ritmo às nossas interações, e a palavra passou a circular livremente.

À medida que foram abertos espaços tridimensionais para o acolhimento e a elaboração da perda, foi possível reconstituir os laços, reestabelecer as continuidades, e os projetos de futuro. Como camadas ou membranas que fazem trocas entre si: na experiência contratransferencial das psicanalistas, no funcionamento grupal e na dinâmica institucional. Segundo Kaës (2004, p. 127), as camadas intrapsíquicas, intersubjetivas, transubjetivas e plurissubjetivas fazem trocas oníricas, e à medida que alguma elaboração acontece em uma dessas camadas as outras também se movimentam.

Muitas vezes, os trabalhos realizados fora do consultório nos apresentaram situações em que as equipes que atendem diretamente a população, e os analistas envolvidos no trabalho com as instituições, se veem pressionados

por uma realidade desafiadora que, não raro, produz transbordamento e adoecimento. O que há de menos simbolizado, fragmentado e traumático tende a ser reproduzido tanto pela equipe quanto nela. São muitas as interfaces presentes nesse campo, contudo, quando podemos acolher, reconhecer e trabalhar com esses elementos, a confiança que sustenta a transferência pode ocupar lugar central, abrindo espaço para a narrativa e para a possibilidade de estabelecer elos. É fundamental garantir espaços seguros de escuta para a elaboração dos excessos aos quais estão expostas cotidianamente. Assim, gradualmente, descobrem-se abordagens e soluções criativas para desafios aparentemente insolúveis.

Essa não é uma tarefa simples, pois exige nos deslocarmos para zonas desconhecidas, onde aquilo que não sabemos torna-se mais evidente. Quando falamos sobre a ampliação da prática clínica para além dos consultórios, destacamos a importância de uma formação teórico-clínica que nos prepare para lidar com a vasta complexidade de elementos e atravessamentos que encontramos nesse caminho. Isso implica desenvolver habilidades e conhecimentos que nos permitam compreender e intervir efetivamente diante da diversidade de contextos e questões que transcendem o ambiente clínico padrão, e o mundo intramuros em que vivemos.

Pensando no tema proposto pelo *Jornal de Psicanálise* – Há esperança? –, acreditamos que o trabalho desenvolvido nos últimos oito anos pelo Setor de Parcerias e Convênios com diversas instituições, e não só neste Setor, mas na DAC como um todo, aponta nessa direção. *A tessitura de um trabalho construído sob medida*, como nos diz Herrmann (2017), para cada demanda institucional, promove o aprendizado de todas e todos os colegas¹² que se dispuseram a enveredar por territórios diversos, frequentemente desconhecidos e distantes do dia a dia em nossos consultórios. A partir da polimorfia do que nos é apresentado, temos oportunidade de desenvolver e ampliar o pensamento psicanalítico, enriquecendo nossa escuta a cada parceria e encontro realizados. O que a princípio foi uma aposta hoje encontra seu lugar dentro da SBPSP.¹³ O trabalho extramuros recupera paulatinamente seu lugar de origem, a psicanálise.

12 Gostaríamos de agradecer a todas e todos os colegas psicanalistas que desde o início fizeram e fazem parte das equipes de coordenadores dos grupos de reflexão e que sustentam a continuidade desses trabalhos em mais de 15 instituições que já foram atendidas pelo Setor de Parcerias e Convênios da DAC (SBPSP).

13 Instituições que são parceiras neste momento: Associação Santo Agostinho (ASA), Educação de Jovens e Adultos-Colégio Santa Cruz (EJA), ETEC e FATEC (Centro Paula Souza), Lar das Crianças (CIP), UNAS (Heliópolis e região).

Em tempo, tomamos emprestado de Marcelo Viñar o título deste artigo. Ele considera que a ferramenta mais importante que um psicanalista deve levar consigo quando se arrisca em outros territórios é a confiança na palavra.

Confianza en la palabra

Resumen: Este artículo reflexiona sobre cómo la escucha psicoanalítica, más allá de los consultorios, nos desafía a cuestionar y reconsiderar los caminos conocidos de nuestra práctica clínica. Recuperamos la importancia que estas prácticas ocuparon en el pensamiento freudiano inicial, que consideraba crucial para la supervivencia del psicoanálisis su inserción orgánica en el campo social. Esto se perdió con el advenimiento del nazifascismo y, desde entonces, ha ocupado un lugar periférico en nuestras clínicas. Presentamos también cómo el trabajo desarrollado por el Sector de Asociaciones y Convenios de la Dirección de Atención a la Comunidad (sbpsp/dac) ha llevado el psicoanálisis a nuevos territorios y a diversas experiencias, consolidando prácticas y construyendo conocimiento sobre la extensión de la clínica. A través de una intervención en el campo institucional, observamos el método psicoanalítico en operación, lo que nos hace reflexionar sobre el proceso del trabajo en su conjunto, con sus diversas posibilidades de acción e interpretación. El referencial teórico se centró en las ideas de Freud, Danto, Kaës y Herrmann. Palabras clave: historia del psicoanálisis, extensión de la clínica, desamparo social, instituciones, grupos, sector de asociaciones y convenios.

Confidence in the word

Abstract: This article reflects on how psychoanalytic listening, beyond the consulting rooms, challenges us to question and reconsider the known paths of our clinical practice. We recover the importance that these practices occupied in early Freudian thought, he considered crucial for the survival of psychoanalysis its organic insertion in the social field. This was lost with the advent of Nazifascism and has since occupied a peripheral place in our clinics. We also present how the work developed by the Partnerships and Agreements Sector of the Community Service Directorate (sbpsp/dac) has taken psychoanalysis to new territories and diverse experiences, consolidating practices and building knowledge about the extension of the clinic. Through an intervention in the institutional field, we observe the psychoanalytic method in operation, which makes us reflect on the work process as a whole, with its various possibilities for action and interpretation. The theoretical framework focused on the ideas of Freud, Danto, Kaës, and Herrmann. Keywords: history of psychoanalysis, extension of the clinic, social helplessness, institutions, groups, partnerships and agreements sector

Confiance dans la parole

Résumé : Cet article réfléchit à la manière dont l'écoute psychanalytique, au-delà des cabinets, nous met au défi de questionner et de reconsidérer les chemins connus de notre pratique clinique. Nous récupérons l'importance que ces pratiques ont occupée dans la pensée freudienne initiale, qui considérait cruciale pour la survie de la psychanalyse son insertion organique dans le champ social. Cela a été perdu avec l'avènement du nazifascisme et, depuis, a occupé une place périphérique dans nos cliniques. Nous présentons également comment le travail développé par le Secteur des Partenariats et des Conventions de la Direction de l'Accueil à la Communauté (sbpsp/dac) a mené la psychanalyse vers de nouveaux territoires et à diverses expériences, consolidant des pratiques et construisant des connaissances sur l'extension de la clinique. À travers une intervention dans le champ institutionnel, nous observons la méthode psychanalytique en opération, ce qui nous fait réfléchir sur le processus de travail dans son ensemble, avec ses diverses possibilités d'action et d'interprétation. Le référentiel théorique s'est centré sur les idées de Freud, Danto, Kaës et Herrmann.

Mots-clés : histoire de la psychanalyse, extension de la clinique, détresse sociale, institutions, groupes, secteur des partenariats et des conventions

Referências

- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social*. Perspectiva. (Trabalho original publicado em 2005)
- Herrmann, F. (2001). *O divã a passeio: à procura da psicanálise onde não parece estar*. Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (2017). *Sobre os fundamentos da psicanálise: quatro cursos e um preâmbulo*. Blucher.
- Kaës, R. (2004). *A polifonia dos sonhos*. Ideias e Letras.

Cristina Franch	Lula Abrahão	Monica Sá
crisfranch@me.com	lula_abrahao@hotmail.com	monica.braga.sa@gmail.com

Silvia Bracco	Sonia Terepins
smbtacco@hotmail.com	soniaterepins@gmail.com

Recebido em: 14/4/2024

Aceito em: 18/4/2024